

O Globo - 23.4.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

O NOVO ESTADO

EU NÃO quis dar palpite, mas sempre achei melhor que o Rio e o Estado do Rio se juntassem, já que vivem mesmo tão juntos e ligados. Resolveu-se o contrário, fundou-se o Estado da Guanabara, e eu, capixaba, sapo de fora, fiquei moita. De qualquer modo me sinto assim como sócio fundador do novo Estado, pois aqui vivo, aqui tenho meus bens, e aqui, também, meus males.

Não serei candidato a deputado nem a nada, mas bem que eu poderia alegar serviços prestados a esta brava comunidade, tantas vezes verberei seus pecados e louvei suas virtudes, e folguei e sofri com seu povo, e feri as melhores cordas de minha lira no combate às suas injustiças e na exaltação de suas mulheres — estas, Senhor Deus, como no mundo não há.

Não me queixo. As damas preferem os outros, é verdade, e disto sou tão certo que até imagino fazer desta frase a legenda de minha autobiografia. Ainda ontem um mexicano amigo, chegado na véspera, me perguntava onde é que se arranjava mulheres aqui, e ouviu isto: “devagar, homem, que aqui estou há dezenas de anos e ainda não descobri; você chegou ontem e já quer saber”.

Na verdade não sei qual é o jeito de arranjar mulher, e, se alguma hei tido, foi que me caiu do céu. Hoje em dia me anda nisto o céu muito vasqueiro. E já, como o cearense, não me animo a chorar da seca, de medo de me afogar na enchente. Na minha idade é perigo pior.

Bem, mas aí estamos nós, do Rio, em estado de Estado; e tomar estado é tempo de tomar siso. Deu-nos, o Presidente, de governador o Sr. Sette Câmara, homem de bom nome. Mineiro, é certo, que o tempo é de mineiros; mas ouço que é dos bons — que, afinal de contas, também os há, pois neste mundo, e em Minas, há de tudo.

Ao senhor governador querem lhe meter secretários de encomenda. Não os aceite, senhor; não seja mole. A esses politiquieiros do Rio há de botar-lhes barbicachos e ter-lhes mão. O senhor é governador: governe. Os outros que esperneiem. O povo entenderá e amará que o senhor inaugure o Estado com um padrão alto e limpo de governança, que nos sirva de exemplo e de esperança. Governança, esperança; veja que estou rimando, o que, em prosa, é mau; mas se isso rimar na realidade será um grande bem, um histórico bem. Teve Cuba, como seu primeiro presidente, um senhor Estrada, que tais sucessores teve que a êle, e só a êle, hoje o povo chama “El Honesto”.

Aqui a nós não nos basta que seja o senhor honesto; é mister que o seja com força, para dar tom e estilo ao Estado que nasce. O senhor tem a vida inteira para ser mineiro e diplomata; use êstes meses para ser apenas governador, e governar de verdade, sem respeito nem pena dêsses lafranhudos e aldravões que é pena que se não mudem, com o Distrito, para os confins de Goiás.